

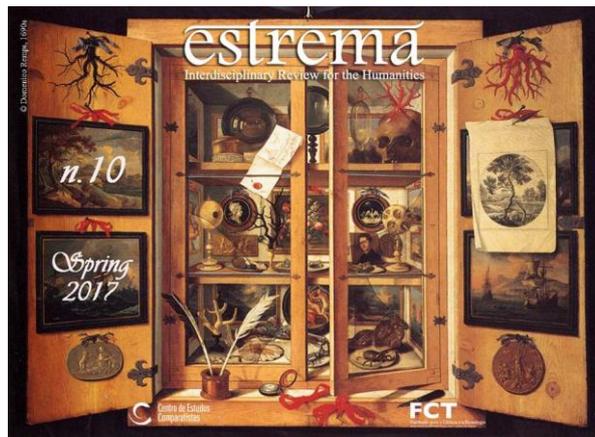
estrema

Revista Interdisciplinar de Humanidades

Interdisciplinary Review for the Humanities

Para citar este artigo / To cite this article:

Telega-Soares, Natalia. 2017. “Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano”. *estrema: Revista Interdisciplinar de Humanidades* 10: 138-167.



Centro de Estudos Comparatistas

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centre for Comparative Studies

School for the Arts and the Humanities/ University of Lisbon

<http://www.estrema-cec.com>

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano

Natalia Telega-Soares¹

Resumo: o objetivo deste artigo será compreender, através de literatura selecionada para o efeito, e criada, principalmente nos anos 80 e 90 do século XX, porque é que um dos grandes conceitos dos feminismos brancos ocidentais – o da irmandade (sisterhood) – nunca foi prontamente aceite por mulheres negras. Tentaremos analisar criticamente as reações expressas através da escrita – ensaios, artigos, livros completos – de mulheres negras que, principalmente nas últimas décadas do século passado, se ergueram contra as imagens estereotipadas dominantes das sociedades brancas ocidentais e que se estendem à crítica feminista. Foram estas imagens, que datam dos tempos de escravatura e que perduram até ao dia de hoje, que relegam as mulheres negras à invisibilidade histórica e cultural. Audre Lorde (2007a) afirma que a invisibilidade de mulheres negras é o resultado da visibilidade distorcida pela cultura e do silêncio imposto a mulheres negras. A noção de irmandade promovida por feministas brancas assentava na crença que todas as mulheres sofriam do mesmo tipo de opressão (patriarcal), pelo que se revelou, graças ao trabalho efetuado por várias feministas negras, um conceito vazio, falso e hipócrita, como teremos a possibilidade de verificar.

Palavras-chave: irmandade, feminismos, mulheres afro-americanas, racismo.

Abstract: The aim of this article will be to understand, through literature selected for this purpose and produced especially in the 1980s and 1990s, why one of the great concepts of Western white feminism – that of sisterhood – was never promptly accepted by black women. We will try to critically analyze the reactions expressed through writing – essays, articles, whole books – of black women who, especially in the last decades of the last century, have risen against the dominant stereotyped images of western white societies that extend to feminist criticism. It was these images, which date back to the days of slavery and which continue to this day, which

¹ Natalia Telega-Soares é doutoranda em Literaturas e Culturas Modernas na Universidade Nova de Lisboa. É licenciada em Ensino da Língua Inglesa (1996) pela Escola de Educação da Universidade de Silesia, Bielsko (Polónia) e Mestre em Estudos Ingleses e Americanos (2002) pela Universidade de Silesia, Sosnowiec (Polónia) e em Estudos sobre as Mulheres (2014) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É professora e tradutora.

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

relegate black women to historical and cultural invisibility. Audre Lorde (2007a) argues that the invisibility of black women is the result of visibility distorted by culture and silence imposed on black women. The notion of sisterhood promoted by white feminists was based on the belief that all women suffered from the same type of (patriarchal) oppression. Thanks to the work done by various black feminists, this idea was shown to be a hollow, false and hypocritical concept, as we will have the possibility to verify.

Keywords: sisterhood, feminisms, African American women, racism.

1. O conceito de irmandade enquanto fundamento do feminismo branco

Nas últimas décadas do século XX, durante a segunda vaga dos feminismos, viram a luz do dia e, por conseguinte, abanaram a sociedade rompendo com ideias estabelecidas, os livros que se tornaram as principais referências para as gerações contemporâneas e futuras de mulheres cuja missão foi lutar pelos seus direitos. Em 1963 foi publicado o livro de Betty Friedan *Feminine Mystique*, sete anos depois, em 1970, Kate Millet publicou a sua tese de doutoramento *Sexual Politics*; no mesmo ano saiu o livro de Shulamith Firestone *The Dialectic of Sex: A Case for Feminist Revolution* e, também em 1970, Germaine Greer publicou o seu muito aclamado livro, *The Female Eunuch*. O ano de 1970 foi muito prolífico e testemunhou a explosão das publicações de grande impacto na área dos

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano. feminismos. Estes trabalhos serviram de inspiração para os futuros trabalhos de feministas e académicas/os. Finalmente, no mesmo ano (1970) Robin Morgan editou uma antologia de textos feministas radicais sob o título significativo *Sisterhood is Powerful*.

Todos estes trabalhos, tal como outros, não mencionados aqui, mas considerados importantes no mundo académico e ativista, visaram procurar resposta à pergunta porque é que a mulher é oprimida, quem a oprime e quais podem ser as eventuais soluções para a sua situação. Uma das conclusões tiradas por académicas feministas foi que todas as mulheres, em todos os cantos do mundo, sofrem da mesma maneira. O conceito de patriarcado ganhou imensa popularidade dentro dos Estudos sobre as Mulheres e foi visto enquanto elemento principal responsável pela situação precária das mulheres (Narvaz e Koller, 2006, 51). O patriarcado é, para explicar sucintamente, a supremacia masculina em todas as dimensões da vida, e que relega mulheres à posição marginal dentro da sociedade – tanto no espaço público, como no privado. Segundo Kramarae (1993, 397), o termo “patriarcado” foi usado por feministas com grande frequência, já que parecia esgotar todas as explicações sobre a opressão de mulheres no mundo. Como afirma a autora, através da pesquisa dos livros e documentos que tratavam da condição marginalizada das mulheres, o patriarcado foi identificado, em todos estes trabalhos, como o sistema comum à subjugação das mulheres.

Neste contexto, segundo o pensamento feminista dominante na época, se todas as mulheres sofriam do mesmo tipo de opressão das mãos de homens só por serem mulheres, o que as unia era precisamente o facto de

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

serem mulheres. Na base desta característica – mulheres não relacionadas biologicamente, mas sim ligadas em solidariedade em sofrimento e em luta comum contra a opressão – foi criado o termo de irmandade. A relação de amizade e irmandade entre as mulheres tornou-se a base fundamental do feminismo da segunda vaga. Na ótica das feministas, só esta relação de respeito e de amor mútuo, compreensão e solidariedade, face ao sofrimento e abuso experienciado por mulheres, tem o potencial de subversão e libertação da opressão patriarcal (Lugones e Rosezelle, 2003).

Sintomático é o facto de todos estes textos publicados nos anos 70 e 80, se concentrarem somente na figura da mulher branca da classe média, cuja experiência da vida no seio da sociedade branca e patriarcal passou a ser a experiência universal de todas as mulheres, em todo o mundo. Problemas enfrentados por mulheres brancas, tais como falta de oportunidades no mercado de trabalho e na vida académica, domesticidade forçada e supremacia masculina visível em cada dimensão da vida, tornaram-se, por extensão, os problemas universais de todas as mulheres.

Shulamith Firestone (1970) acusa no seu livro *The Dialectics of Sex* a família patriarcal de ser um dos maiores obstáculos à autorrealização das mulheres. Betty Friedan (1963) descobre na sua famosíssima obra *The Feminine Mystique* “o problema que não tem nome” com que a maioria de mulheres americanas tem que se confrontar: o vazio da existência da mulher da classe média que nunca trabalhou profissionalmente e que, por obrigação externa, ficou confinada à vida doméstica:

But the new image this mystique gives to American women is the old image: ‘Occupation: housewife’. Beneath these sophisticated trappings, it simply makes certain concrete, finite, domestic aspects of feminine

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

existence – as it was lived by women whose lives were confined, by necessity, to cooking, cleaning, washing, bearing children – into religion, a pattern by which all women must now live or deny their femininity. (Friedan, 1963, 21)

Estes trabalhos e pontos de vista contribuíram para a visibilidade da mulher enquanto vítima do sistema que a oprime ditando as condições da sua vida, as escolhas que devia fazer, os padrões que devia seguir para corresponder à imagem da mulher perfeita e, principalmente, feminina. Nestas imagens, as mulheres eram meramente bonecas, objetos de decoração sem voz própria e vontade de dar rumo à sua vida (Bartky, 1998). Não se pode, por isso, subestimar todo o efeito que as campanhas, as ações de sensibilização, os livros, os discursos, etc. tiveram na mentalidade da sociedade na altura. As mulheres feministas de segunda vaga, mostraram ao mundo que houve algo errado na forma como as mulheres eram tratadas e representadas, privadas dos seus direitos e relegadas à posição de cidadãs de segunda classe (Thompson, 2002, 338).

2. Críticas do feminismo hegemónico e do conceito de irmandade por mulheres negras

No entanto, o pensamento feminista desenvolvido durante a segunda vaga dos feminismos veio a ser criticado fortemente por mulheres intelectuais afro-americanas e outras mulheres de cor que entraram (ou tentaram entrar) em diálogo com os principais aspetos tratados no feminismo chamado hegemónico (Thompson, 2002). Uma das principais

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

acusações feitas ao feminismo branco foi que este levou a cabo a tentativa de se posicionar na prática política, enquanto o único movimento feminista que possuía a legitimidade para tal (Amos e Parmar, 1984, 4). A experiência das mulheres brancas foi considerada a mais adequada, a mais importante e quase universal, o que fez com que toda a panóplia de outras experiências vividas por parte das mulheres negras fosse ignorada. Amos e Parmar argumentaram que o pensamento feminista da segunda vaga nunca analisou devidamente a questão do racismo, tão profundamente enraizado nas sociedades ocidentais. A ausência da questão da raça na escrita e na prática feministas da época contribuiu para uma certa miopia entre as feministas brancas, empurrando assim a história das mulheres negras para as margens da consciência e do conhecimento.

Contra essa tradição de apagamento histórico e cultural das mulheres negras nos Estados Unidos, levantaram-se várias intelectuais negras fazendo o trabalho que visava colocar as mulheres negras no centro do movimento feminista, devolvendo-lhes o valor que mereciam. Contam-se entre estas intelectuais Angela Davis, Audre Lorde, Barbara Smith, bell hooks, Frances Bell, Julianne Malveaux, Toni Cade Bambara e Patricia Hill Collins, entre outras. É claro que mais mulheres negras se envolveram ativamente na missão de devolver a voz às mulheres que foram silenciadas pelo *mainstream* cultural, histórico e feminista; porém, a dimensão deste capítulo permite-nos só mencionar e analisar a escrita e as ideias de algumas destas intelectuais.

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

3. Imagens estereotípicas das mulheres negras

A denúncia relativamente à estereotipia e às imagens negativas sobre as mulheres negras foi já referida por parte de Angela Davis (1981, 3) que, no seu importante livro *Women, Race and Class* afirmou que, nos estudos e nas pesquisas feitos por investigadores/as americanos/as não houve espaço para nem interesse em incluir as mulheres negras. Nos trabalhos que tratavam assuntos relacionados com a família ou as tradições dos escravos, a mulher ou era invisível ou aparecia como ser extremamente sexuado e promíscuo. Aliás, os relatos e os estudos sobre a suposta promiscuidade e sexualização dos negros abundavam no mundo académico e influenciaram o imaginário popular. A mulher negra, em especial, foi considerada como “fácil” e sempre disponível sexualmente – como argumentavam as académicas negras feministas – e esta imagem prevalece até hoje, prejudicando a situação da mulher negra na sociedade contemporânea (Gilman, 1985; hooks, 1982, 1998, 2000, 2003; Collins, 2000).

Para melhor compreendermos esta imagem negativa, aliás, um conjunto destas imagens relacionadas com a mulher negra na sociedade branca ocidental, necessitamos de recuar no tempo. A sexualidade dos negros, já no século XVII, tornou-se sinónimo do desvio, ato ilícito e repugnante. O apetite sexual e o desejo erótico assemelhavam-se mais aos do macaco do que aos do ser humano (Gilman, 1985, 230). Foram estas as imagens que predominavam na literatura de viagens ou “científica” da época (séculos XVII-XIX). Com efeito, a mulher negra tornou-se o símbolo

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

da sexualidade negra doentia – lasciva, incontrolável e contrária à sexualidade sublimada da mulher branca. Estas diferenças, como explica Gilman, serviam para diferenciar (e valorizar hierarquicamente) a raça negra e a branca com o objetivo de elevar a raça branca. Vale a pena aqui salientar que, com estas tendências na ciência, na filosofia, na arte, etc., que visavam provar a superioridade biológica e moral da raça branca (Mama, 1995), a mulher branca, embora oprimida em certas formas na sua sociedade, situava-se em posição de superioridade em relação à mulher negra, que se encontrava no fundo da escala social.

A ciência vai, assim, ao encontro do imaginário representado na arte. No *Dictionnaire des sciences médicales* (1819), a natureza sexual dos negros é descrita como “voluptuosa”, desconhecida nos climas do mundo ocidental, devido ao desenvolvimento abundante dos órgãos sexuais dos negros. A fisionomia é o que distingue as raças, e é reveladora da natureza dos negros. A aparência física da mulher negra – a cor da sua pele e a forma dos seus genitais são apresentados como inerentemente diferentes (Gilman, 1985, 231).

Na literatura do século XIX, a mulher negra era fortemente associada à prática de prostituição. Assim, os dois elementos: o da prostituição e o da cor negra da pele iam de mãos dadas com o discurso médico e literário da época. A mulher negra era associada também aos órgãos sexuais anormais e, por conseguinte, demonstrava a sexualidade devoradora, perigosa e ilícita.

Estes argumentos sobre as imagens relativas à sexualidade das mulheres negras ecoam na escrita de bell hooks (1982). No livro *Ain't I a*

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

Woman a autora analisa a vida das mulheres escravas transportadas para os Estados Unidos onde foram sujeitas a todos os tipos de abusos, inclusive, ou talvez convenha admitir – principalmente – a abusos sexuais por parte do seu dono branco. Violação na propriedade branca era uma realidade quotidiana das mulheres negras. bell hooks argumenta que toda a estereotipia ligada à sexualidade ilícita e devoradora das mulheres negras tem as suas raízes no sistema de escravatura, quando todas as mulheres negras foram vistas como imorais, depravadas sexualmente e “disponíveis” em qualquer momento. Têm aqui a sua culpa também as mulheres brancas da época, que contribuíram para esta opinião sobre as mulheres negras, repetindo que as mulheres negras sempre iniciavam a relação sexual com homens e, por isso, justificava-se a exploração sexual das mulheres negras (hooks, 1982). Este trabalho, escrito quando a autora era muito jovem, é um documento muito importante no sentido de imprimir visibilidade à condição precária da mulher negra nos Estados Unidos, desde os tempos da escravatura até aos dias de hoje. É também, um grito de revolta contra as práticas de exclusão por parte das feministas brancas: “The success of sexist-racist conditioning of American people to regard black women as creatures of little worth or value is evident when politically conscious white feminists minimize sexist oppression of black women” (hooks, 1982, 51).

Alguns anos mais tarde, bell hooks continua a sua luta contra a marginalização das mulheres negras e prossegue o tema da objetificação dos corpos e da sexualidade destas mulheres. In *Selling Hot Pussy* (1998) a autora sublinha o facto de, na cultura contemporânea, estarmos a evidenciar as tendências que tiveram lugar já no século XVII e XIX, como atrás foi

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

mencionado. Continuam as imagens da mulher negra como o objeto sexual atraindo os olhares que mutilam o seu corpo. Em pleno século XX, as mulheres negras continuam a ser vítimas dos estereótipos negativos sobre a sua sexualidade, promiscuidade e disponibilidade “a pedido”. E, novamente, as mulheres negras ficaram entregues a si próprias com o problema, visto que o pensamento e a ação feminista dos tempos que corriam não colocavam a pergunta acerca da condição das mulheres negras. Ou o problema nunca foi identificado ou, se o foi, terá sido ignorado como não sendo um problema que dissesse respeito ao feminismo branco.

Vale a pena ainda apresentar a posição de Patricia Hill Collins (2000, 76) acerca das imagens estereotipadas (por ela denominadas “imagens controladoras” [*controlling images*]) na sociedade branca acerca das mulheres negras. Todas as imagens estereotipadas servem para manter o instrumento de controlo vivo e eficiente. No imaginário popular, as mulheres negras são tudo: recebem o apoio social, são sexua(liza)das, são consideradas como mães poderosas (matriarcas) que, com efeito, não necessitam realmente de ajuda, ou também são vistas como dependentes de Estado, no sentido de beneficiarem de apoio social sem sequer tentarem trabalhar. Estas imagens fazem com que a discriminação contra elas seja “justificada” e sustentada.

A autora distingue os seguintes três tipos de opressão das mulheres negras, nos Estados Unidos da América: a opressão de cariz económico (visto que as mulheres negras são exploradas economicamente e constituem a parte da sociedade americana mais atingida pelo desemprego), opressão política (por exemplo, dificuldades em aceder à educação de qualidade) e

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.
opressão da imagem do corpo, já acima analisada. Esta última imagem da “mulher de má vida” representa uma imagem muito viva e atual da sociedade contemporânea.

4. As práticas de racismo e da exclusão no passado histórico

O conceito da irmandade, ou seja, o sentido de união em prol dos direitos de todas as mulheres, já existia, embora expresso de outra forma nos tempos da luta pelos direitos dos negros nos Estados Unidos. Pode-se afirmar, que no seio da atividade política das mulheres em prol da libertação dos negros, nasceu a consciência de que as mulheres foram subjugadas e forçadas à submissão. No caso das irmãs Grimké (Sarah e Angelina), provenientes duma família sulista que possuía escravos, a consciência sobre a condição das mulheres emergiu porque, na sua luta contra a escravatura, elas foram atacadas e ridicularizadas por homens (Davis, 1981, 40). Até a Igreja se pronunciou sobre a sua atividade, argumentando que, ao tentar substituir o lugar do homem na praça pública, elas desafiavam a vontade de Deus em relação às mulheres.

Porém, no movimento dos direitos das mulheres e de todos os cidadãos, aparece uma mancha, uma certa falha. Entre as mulheres brancas que defendiam a abolição da escravatura e os direitos das mulheres, não houve nenhuma mulher negra. Não só não houve, como nem no discurso, nem nos documentos da época, a condição precária das mulheres negras foi

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano. sequer mencionada. Como argumenta Davis, só as irmãs Grimké, na qualidade de mulheres brancas, fizeram referências às condições das mulheres negras (escravas). Ambas criticaram fortemente as ativistas brancas por estas terem ignorado as necessidades das mulheres negras e por se terem “esquecido” de as envolver na luta contra a escravatura.

O racismo evidente dentro do movimento em prol das mulheres revelou-se particularmente gritante e profundo quando começou a campanha pelo direito ao voto, no seio do movimento sufragista. As sufragistas Elizabeth Cady Stanton ou Susan B. Anthony opuseram-se ferozmente à emancipação política dos homens negros, se o direito ao voto não fosse concedido às mulheres brancas (Davis, 1981, 78). Para o Partido Republicano, a emancipação dos homens negros traduzia-se nos seus votos porém, as líderes do movimento sufragista revelaram profundo racismo rejeitando a hipótese de conceder o direito ao voto aos homens negros, chamando-os ignorantes. Neste contexto, tem que se afirmar que as mulheres negras nem sequer foram consideradas como merecedoras de um dos direitos mais básicos da democracia. Foram ignoradas enquanto mulheres e cidadãs pelas suas irmãs brancas (Sheftall-Guy, 1995)

O racismo no seio do movimento sufragista foi tão forte que a própria Susan B. Anthony receava que as suas colegas brancas do sul pudessem separar-se do movimento e da causa, se as mulheres negras fossem convidadas a se juntarem ao grupo (Davis, 1981). É certo que as feministas americanas daquela época não estiveram à altura da situação quando era urgente responder ao racismo cada vez mais forte da sociedade americana.

5. As experiências de mulheres negras enquanto conhecimento subjugado

Esta exclusão das mulheres negras da atividade política e feminista empreendida por mulheres brancas foi denunciada também nos nossos dias por feministas negras. O conceito de irmandade foi considerado hipócrita e vazio – ele não trazia nada às mulheres negras nos Estados Unidos. Até se pode argumentar que o pensamento eurocêntrico estava e continua a estar no centro de interesse da epistemologia feminista (Collins, 2003, 322). Collins prestou a atenção à relação entre o conhecimento e as relações de poder. Mais do que isso, ela estabeleceu as ligações entre o feminismo negro e o projeto da justiça social. O meio acadêmico, enquanto lugar onde nasce o conhecimento e onde as feministas brancas desenvolveram as suas teorias, pode-se tornar também o *locus* da exclusão. Como demonstrado por feministas negras, a exclusão das mulheres negras das universidades e dos programas em Estudos sobre as Mulheres e Feministas assegurou aos homens brancos e às mulheres brancas o espaço dentro destas instituições. Esta exclusão levou também à consolidação da hegemonia branca. Foi revelado (hooks, 2003) que as feministas ocidentais brancas contribuíram para o silenciamento das mulheres negras, suprimindo as suas ideias e não permitindo a divulgação das mesmas. Embora as mulheres negras tenham tido, há muito, ideias explícitas acerca da intersecção dos fatores tais como a

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano. raça, o sexo e a classe na sua opressão, elas próprias não encontraram o seu lugar dentro das estruturas feministas brancas. A título de exemplo, bell hooks afirma que, durante muito tempo, as académicas feministas negras não foram aceites pelos seus pares. Nas organizações feministas brancas que trabalhavam no terreno também faltou lugar para as mulheres negras (exemplo de NAWSA)².

Esta denúncia é exatamente feita por uma feminista negra, lésbica, poeta e mãe de dois filhos – Audre Lorde. No seu volume de ensaios e discursos compilados num livro sob o título marcante *Sister Outsider* (2007) questiona porque é que as mulheres negras académicas nunca são convidadas para conferências, ou se são convidadas, é em número reduzido. Porque existe aquele medo de tentar compreender as vivências e as experiências das mulheres negras?

A palavra escrita por mulheres negras não pode ser apropriada para os efeitos planeados por mulheres brancas, para provar as “verdades” preestabelecidas (hooks, 2000), mas tem que ser lida para ser compreendida. Lorde (2007c, 43), por sua vez, assume que não é viável o argumento quando uma académica ou uma professora afirmam que não se sentem suficientemente preparadas ou não lhes cabe a elas ensinar a literatura das mulheres negras. Justificam-se por não possuir a experiência duma pessoa de dentro, duma *insider*. Porém, o contra-argumento de Lorde é – então estas académicas sentem-se preparadas para ensinar a escrita e o

² NAWSA – National American Woman Suffrage Association foi uma organização que nasceu em 1890 como resultado da fusão de National Woman Suffrage e American Woman Suffrage Association. Fonte: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/404319/National-American-Woman-Suffrage-Association-NAWSA> [acedido em 25 de Dezembro de 2013 às 10h23].

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

pensamento dos clássicos gregos ou de Shakespeare? - Na verdade, estamos a lidar aqui, segundo afirma Lorde, com um pretexto para evitar entrar na realidade quotidiana das mulheres negras. É uma responsabilidade de mulheres perante as outras que lhes deveria ditar o envolvimento na ação de quebrar os silêncios e constituir as pontes entre as diferenças. As separações que foram impostas às mulheres, tanto às brancas como às negras, pela sociedade racista, não podem servir de desculpas para não iniciar a tentativa de diálogo. Os silêncios são o que imobiliza o movimento na direção do outro:

The fact that I am here and that I speak these words is an attempt to break that silence and bridge some of those differences between us, for it is not difference which immobilizes us, but silence. And there are so many silences to be broken³. (Lorde, 2007c, 44)

A mesma autora diz que a recusa ou a falta de vontade de estudar profundamente a palavra escrita por mulheres negras, de incluir as suas obras nos programas de Estudos sobre as Mulheres ou nas disciplinas relacionadas à literatura das mulheres se deve ao facto de as mulheres negras continuarem a não ser consideradas enquanto pessoas na sua íntegra, sujeitos independentes com um conjunto de ideias, observações, histórias e vivências por contar.

Estas observações remetem-nos para o conceito utilizado por Michel Foucault sobre conhecimentos subjugados e que se adequa muito bem à problemática aqui apresentada (Hartman, 2008). Segundo Foucault, os conhecimentos subjugados são os conhecimentos ingénuos, localizados no

³ Discurso apresentado no “Painel da Literatura e do Lesbianismo” da Associação de Linguagem Moderna em Chicago no dia 28 de dezembro de 1977.

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

fundo da hierarquia, que não atingem os níveis requeridos para serem introduzidos no sistema oficial institucionalizado. Noutras palavras, são os conhecimentos "não validados", que existem ao lado dos conhecimentos autorizados. São os conhecimentos ocultados, desqualificados como não suficientemente credíveis. Cremos que os conhecimentos das mulheres negras, as suas histórias e experiências possam ser classificados consoante a definição de conhecimentos subjugados por terem sido, precisamente, ocultos, ignorados, rejeitados por feminismos brancos. Vale a pena referir que pode ser "útil" nomear ou categorizar um certo tipo de conhecimento como "subjugado" porque, desta forma, ele perde a sua *raison d'être* ou a qualidade de ser verdadeiro. Assim, o/a autor/a deste tipo de conhecimento é ignorado/a, desacreditado/a e a sua experiência acaba por ser excluída.

6. As vozes emergentes de mulheres negras na contemporaneidade e na História

Referindo os conhecimentos subjugados e colocando-os no contexto da escrita/experiência das mulheres de cor, é oportuno mencionar a voz, expressa através da palavra, na antologia dos textos criados por mulheres negras/de cor e editada por duas escritoras e feministas chicanas – Cherríe Moraga e Gloria Anzaldúa. Esta antologia, sob o título *This Bridge Called My Back*, publicada em 1981, foi trabalhada com o objetivo de dar voz às mulheres oprimidas e apagadas na cultura e na história. As experiências do

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano. seu cotidiano foram expressas em várias formas: através da poesia, do ensaio, dos discursos, etc. Através da sua escrita, estas mulheres negras e de cor pretendiam prestar homenagem à experiência que viviam e que constituía uma experiência muito diferente da de mulheres brancas e também da de homens negros:

By giving voice to such experiences, each according to her style, the editors and contributors believed that they were developing a theory of subjectivity and culture that would demonstrate the considerable differences between them and Anglo-American women, as well as between them and Anglo-European men and men of their own culture. (Alcarón, 2003, 404).

Como afirma Norma Alcarón (2003, 407), a antologia em questão teve enorme impacto na escrita e no pensamento feminista das décadas seguintes, porque abriu espaço para os feminismos alternativos e não só os feminismos brancos. A partir da data da publicação do livro, em 1981, foi possível incluir outros discursos feministas (conhecimentos subjugados) no *mainstream* feminista e cultural. Tendo sido, todavia, a brecha aberta, segundo explica a autora, há que renovar o debate acerca do impacto que esta antologia provocou no feminismo branco. As feministas brancas citavam os textos do livro, apoiando-se neles para argumentar sobre as diferenças entre as mulheres de cor e brancas, porém, ao mesmo tempo, apagavam as diferenças entre estes grupos, apresentando as mulheres negras e de cor como uma amálgama, um grupo homogêneo, sem as suas próprias diferenças e variedades. Desta forma, todas as mulheres negras foram empurradas para uma categoria de “mulheres de cor”, o que nos faz voltar ao pensamento de Audre Lorde - citado neste capítulo -, que dizia que os

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano. estereótipos e a apresentação errada e simplista de mulheres negras as relegou, na realidade, para a invisibilidade e o apagamento cultural.

A questão da diferença foi também abordada por Audre Lorde (2007b). No seu artigo de grande relevância “The Master’s Tools Will Never Dismantle the Master’s House” a autora expõe o argumento que o grande erro do feminismo constituiu a tentativa de tolerar as diferenças, em vez de as aproveitar para reforçar as relações entre as mulheres. As diferenças assumem o potencial de criar uma fonte de enriquecimento e empoderamento, porém, as mulheres foram socializadas: ou para ignorarem as diferenças entre elas, ou para as tratar como uma fonte do potencial conflito, uma razão que está por detrás da separação.

Difference must not be merely tolerated, but seen as a fund of necessary polarities between which our creativity can spark like a dialectic. Only then does the necessity for interdependency become unthreatening. Only within that interdependency of different strengths, acknowledged and equal, can the power to seek new ways of being in the world generate, as well as the courage and sustenance to act where there are no charters. (Lorde, 2007b, 111)

A diferença é vista, então, como uma fonte da criatividade e pode-se revelar uma força inspiradora que contribui muito mais para a aproximação mútua do que o silêncio, o medo e a separação. A diferença não tem que ser, obrigatoriamente, destrutiva, como aparece universalmente vertida no pensamento filosófico do mundo ocidental, em que as diferenças são pensadas em termos de hierarquização e binarismo. O diferente, o outro, tem que ser desvalorizado e colocado na posição inferior (Braidotti, 1994).

É importante sublinhar que, nos anos 70 e 80 do século XX, ouviram-se, com toda a força, mais vozes de mulheres afro-americanas que

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

falaram a respeito da diferença e da condição da sua vida. Apareceram publicações importantes, ao lado da já mencionada antologia editada por Cherríe Moraga e Gloria Anzaldúa. Foi publicada uma antologia *The Black Woman* (1981), organizada por Toni Cade Bambara, ou *Home Girls: A Black Feminist Perspective* organizada em 1983 por Barbara Smith (James e Busia, 1993), entre outras, cujo objetivo foi recuperar a visibilidade da mulher negra. O grupo de feministas negras e lésbicas, the Combahee River Collective, fundado por Barbara Smith, também tomou a sua posição na cena cultural e feminista da época, publicando em 1974 uma importante declaração acerca das questões como o racismo, a opressão interseccional, o sexismo, a hegemonia heterossexual e a opressão da classe (The Combahee River Collective, 2003).

Embora, como aqui temos provado, os feminismos brancos tenham contribuído, conjuntamente com a cultura da sociedade e as suas práticas do racismo, do sexismo e do classismo, para o sufocamento e silenciamento das mulheres negras, elas nunca se adaptaram às regras ditadas pela maioria branca. O grande trabalho foi feito pelas mulheres intelectuais negras com o objetivo de tirar das trevas as figuras importantes de mulheres na história do movimento pelos direitos das mulheres. A “*herstory*” – a história vista e descoberta por mulheres e sobre mulheres traz-nos de volta nomes de mulheres insubmissas, cientes do trabalho preciso para mudar a sociedade e as regras pelas quais esta sociedade se governava.

Uma das primeiras intelectuais negras, Maria W. Stewart, já no século XIX, reconheceu a necessidade de mulheres negras rejeitarem toda a estereotipia à sua volta (Collins, 2003, Sheftall-Guy, 1995). Foi ela que

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

argumentou que a opressão das mulheres negras tem múltiplas caras, sendo uma delas a opressão de género, outra a opressão da classe e a terceira a opressão da raça. Para Stewart não foi suficiente identificar as origens da opressão; ela até tencionava ir mais longe e incentivava as suas irmãs negras para elas procurarem denominar-se, criar autodefinições, buscar a sua própria força na fonte da autonomia pessoal. Encorajava as mulheres para estas seguirem o exemplo dos homens na luta pela independência e autonomia pessoal. As mulheres tinham que reclamar os seus direitos e privilégios. A causa era a vida ou a morte. A inércia significava a morte, e a ação prendia-se com a vida. Um forte instrumento de mudança e do empoderamento das mulheres, na ótica de Stewart, era a educação. O conhecimento permitia o acesso ao poder – o poder de dar rumo à sua própria vida. O conhecimento era o poder em si próprio.

A atividade intelectual das mulheres negras no século XIX era bastante prolífica e não se limitava à escrita de Stewart. Houve outras intelectuais negras que devolveram a voz à mulher negra, colocando-a no centro do seu interesse e da sua ação. Devolvidas ao mundo por feministas do século XX, trazem-nos o depoimento que desmente o estereótipo sobre a mulher negra enquanto ser passivo, somente vitimizado e não consciente da sua situação. As obras que foram escritas no final de século XIX por mulheres negras tiveram como objetivo analisar a situação sociopolítica à data e lutar contra a dura realidade da comunidade afro-americana. As mulheres negras pronunciaram-se contra o linchamento, o racismo, a falta de condições humanas e outras injustiças feitas aos negros nos Estados Unidos, desde os tempos da escravatura (Mama, 1995). As angústias das

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

mulheres afro-americanas não se limitavam somente às “questões das mulheres” (Carby, 1985). Devolvidas ao mundo por feministas do século XX, trazem-nos o depoimento que desmente o estereótipo sobre a mulher negra enquanto ser passivo, somente vitimizado e não consciente da sua situação.

A escrita das mulheres como Anna Cooper⁴, por exemplo, tornou-se uma arma de intervenção cultural e política. O desafio perante as mulheres negras constituiu, afinal de contas, em dar uma nova forma à sociedade. Curiosamente, Anna Cooper não fazia a distinção entre os aspetos biológicos dos sexos. No seio da sociedade, as mulheres também sabiam adaptar-se às normas e às regras do sistema masculino, enquanto os homens podiam apresentar as características e seguir as virtudes femininas. Os textos de Cooper atacavam fortemente as práticas da exclusão de mulheres/feminismos brancos, acusando-as de falta de solidariedade (Guy-Sheftall, 1995, 43).

As mulheres brancas tiveram a sua parte na consolidação do sistema patriarcal, que criou e reforçou as estruturas sociais que assentavam no racismo e sexismo. Por manterem o silêncio sobre a múltipla discriminação das mulheres negras, por defenderem os interesses da sua raça e classe e o estatuto social que as mulheres brancas gozaram, elas, desta forma, reforçaram o sistema de opressão. Como afirmava Anna Cooper, se o racismo tivesse sido erradicado do movimento feminista, teria sido benéfico

⁴ Anna Julia Cooper (1858 – 1964) – filha dum dono de escravos e ela própria uma escrava. Conhecida como defensora dos direitos do povo negro e das mulheres, professora, primeira mulher negra a obter doutoramento (com a tese dedicada à problemática de linchamento). Publicou um livro: *A Voice From the South and Other Important Essays, Papers and Letters*.

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.
para as próprias mulheres brancas. O que aconteceu foi que foram criadas instituições separadas, agendas/planos separados, animosidade, e tudo menos a solidariedade e a irmandade tão amplamente defendidas por feministas brancas.

7. Os pontos de rutura entre feministas brancas e negras

Tendo analisado todos os argumentos expostos por feministas negras apresentados até agora, parece-nos compreensível a posição de mulheres negras que não se conseguiram ver nos objetivos e no pensamento do feminismo branco, nem se identificar com eles. Quase nada do que era exposto no pensamento feminista branco apelava às mulheres negras, visto que as experiências do quotidiano dos dois grupos eram totalmente diferentes, para não dizer opostas. O nível da vida económico diferenciavam muito os dois grupos. Os padrões de feminilidade que se aplicavam às mulheres brancas (enquanto fadas de lar, mães perfeitas, etc.) não eram compatíveis com as mulheres negras, que se viam obrigadas a trabalhar desde tenra idade, e depois, na vida adulta, para sustentar a família. O direito ao aborto, invocado por muitas mulheres brancas, também se revelou menos adequado às mulheres negras que, frequentemente, foram forçadas à esterilização ou contraceção contra a sua vontade (Altekruse e Rosser, 1993). São conhecidos muitos casos de uso de medicamentos não testados ou perigosos como Depo Provera no âmbito de políticas demográficas que

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

atingiam as mulheres de cor, na tentativa de controlar o número de filhos (Bulbeck, 1998). A família e a maternidade, que eram apresentadas por muitas feministas brancas enquanto instituições que oprimiam as mulheres (Firestone, 1970; Delphy e Leonard, 1992; Rich, 1995; Badinter, 2010, etc.), revelaram-se, em muitos casos, *loci* de resistência, de sobrevivência e de força para as mulheres negras. É de sublinhar que a experiência de maternidade vivida por mulheres negras difere bastante da vivenciada por mulheres brancas. Nas comunidades afro-americanas, as mulheres criavam laços fortes fora da família, com outras mulheres que, em casos de necessidade, podiam criar filhos de outras mulheres. O termo em inglês “*othermothering*” refere-se à tradição vinda da África, onde se atribuía imenso valor à maternidade, e onde as mulheres que se ocupavam de filhos das outras ganhavam estatuto social e respeito na comunidade (James, 1993, 48). As mulheres afro-americanas transplantaram este conceito e esta prática para solo americano, aliviando, desta forma, a experiência da maternidade, criando laços fortes dentro da comunidade. Na vida das mulheres brancas esta prática era quase impossível, sendo que as mulheres brancas se viam obrigadas a educar os filhos sozinhas ou então tinham que empregar outras mulheres, inclusive negras, para cuidarem dos seus filhos. Não é, por isso, uma tarefa solitária criar filhos na comunidade afro-americana e, conseqüentemente, a maternidade assume um outro significado e valor para elas. Neste contexto, a denúncia da família e da maternidade enquanto instrumentos de controlo e submissão das mulheres não se aplica às mulheres negras, não sendo este o objetivo com o qual elas se podiam identificar.

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

Seria prudente também referir que, embora tenham peso maior o racismo e as práticas de exclusão, como o vazio do termo irmandade, não constituíram os únicos fatores que afastaram as mulheres negras e de cor do movimento feminista branco. Além das diferentes realidades do cotidiano vividas por mulheres desfavorecidas ou menos privilegiadas, registaram-se algumas propostas no pensamento feminista branco que não se adequaram à mentalidade e à cultura das mulheres negras. Houve e continua a haver leituras diferentes das realidades e das experiências. Um dos pontos de ruptura ou de separação entre as feministas brancas e negras é a atitude perante homens (Joseph e Lewis, 1981). Na ótica das mulheres negras, as feministas brancas fizeram tudo para se separarem dos homens. Afirma Lewis (1981, 55) que, na sua tentativa de identificar a fonte da opressão das mulheres, uma parte importante das feministas brancas radicais apontou os homens enquanto principais responsáveis pela situação precária das mulheres. Na sua vertente radical, o feminismo imaginou o espaço sem homens, onde a criação e o individualismo no feminino podiam encontrar todas as condições para a sua ampla expressão. Esta hipótese, porém, não convenceu as mulheres negras, que não queriam e não podiam criar o seu próprio mundo separado dos homens. Devemos ter presente que, para as mulheres negras, os homens eram irmãos na luta contra a discriminação racial, e era com eles que fizeram todos os esforços para sobreviver no seio da sociedade racista (Joseph e Lewis, 1981). E é verdade também que, para as mulheres negras de classes desfavorecidas, o alvo não é ganhar contra os homens para chegar ao estatuto social por eles ocupado porque, como observa bell hooks (2003), os homens negros de classes baixas também são

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.
alvo da opressão racista capitalista, da mesma forma que as mulheres negras o são. Identificar o homem como o principal responsável da opressão das mulheres não só não é suficiente, como contribui para o conflito e hostilidade desnecessários entre seres humanos.

8. Conclusões

O presente artigo analisou o conceito de irmandade proposto por feministas brancas como o instrumento que pudesse unir todas as mulheres vistas como vítimas da opressão patriarcal. Procurou-se encontrar e ouvir a voz das mulheres negras que foram relegadas para o lugar da “Outra”, tanto pela cultura ocidental em geral, como pelo pensamento feminista ocidental em particular. Pretendeu-se compreender por que razão as mulheres afro-americanas se insurgiram contra os feminismos brancos, rejeitando o conceito de “irmandade”, expondo a hipocrisia do movimento e pensamento feminista branco e separando-se, por completo, das ideias-chave disseminadas por intelectuais feministas ocidentais. O nosso objetivo foi, claramente, centrarmo-nos no pensamento desenvolvido por mulheres intelectuais afro-americanas, visto que há séculos a sua voz foi abafada, se não reprimida, a fim de as impedir de se exprimirem e desenvolverem a sua própria filosofia. A voz e a possibilidade de falar, no sentido de lhes ser conferida a oportunidade de verbalizarem, por exemplo, os seus valores,

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano. causas, convicções, escolhas e de afirmarem a sua identidade, através da escrita e da palavra, foi o nosso fio condutor.

A nossa perspetiva foi concentrarmo-nos no problema do racismo inerente ao movimento feminista branco assinalado por escritoras afro-americanas e na forma como algumas delas, por exemplo, bell hooks, Patricia Hill Collins, Audre Lorde, desnudaram a hipocrisia presente na atitude das feministas brancas perante as suas “irmãs” negras. As mulheres afro-americanas constituíram uma força que deu início à contestação da filosofia feminista dominante, na qual a mulher branca, preferencialmente de classe média e mais privilegiada, foi considerada uma norma a nível cultural e sexual. Esta contestação e resistência deu também origem ao pensamento revigorante que colocou a mulher afro-americana no seu centro, e que constitui, até hoje, uma força onde mulheres negras vão buscar sua inspiração e exemplo para futuras gerações.

Bibliografia

- Alcarón, N. 2003. “The Theoretical Subject(s) of *This Bridge Called My Back* and Anglo-American Feminism”. In *Feminist Theory Reader. Local and Global Perspectives*. McCann C. e Seung-Kyung, K.. New York: Routledge, 404-414.
- Alterkruse, J. e Rosser, S. 1993. “Feminism and Medicine: Co-optation or Cooperation”. In *The Knowledge Explosion*. Eds. Kramarae, C. e Spender, D.. New York: Harvester Wheatsheaf, 27-40.
- Amos, V. e Parmar, P. 1984. “Challenging Imperial Feminism”. *Feminist Review* (17): 3-19.

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

- Anzaldúa, G. 2000. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo". *Estudos Feministas* (1): 229-236.
- Badinter, E. 2010. *Conflito: A Mulher e a Mãe*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Bartky, S. 1998. "Foucault, Femininity and the Modernization of Patriarchal Power". In *The Politics of Women's Bodies*. Ed. Weitz, R., New York: Oxford University Press, 25-45.
- Braidotti, R. 1994. *Nomadic Subjects*. New York: Columbia University Press.
- Bulbeck, C. 1998. *Re-Orienting Western Feminisms: Women's Diversity and Postcolonial World*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Carby, H. 1985. "On the Threshold of Women's Era: Lynching, Empire and Sexuality in Black Feminist Theory". In *"Race" Writing and Difference*. Ed. Jr. Gates, H. Chicago: The University of Chicago Press, 301-316.
- Collins, P. 2000. *Black Feminist Thought*. New York: Routledge.
- _____. 2003. "The Politics of Black Feminist Thought". In *Feminist Theory Reader. Local and Global Perspectives*. Eds. McCann C. e Seung-Kyung, K. New York: Routledge: New York, 318-333.
- Davis, A. 1981. *Women, Race and Class*. New York: Vintage Books.
- Firestone, S. (1970) 2005. *The Dialectic of Sex*. New York: Farrar, Strauss and Giroux.
- Friedan, B. (1963) 2010. *The Feminine Mystique*. London: Penguin Books: London.
- Gilman, S. 1985. "Black Bodies, White Bodies: Toward an Iconography of Female Sexuality in Late 19th Century Art, Medicine and Literature". In *"Race" Writing and Difference*. Ed. Jr. Gates, H.. Chicago: The University of Chicago Press, 223-261.
- Greer, G. 2006. *The Female Eunuch*. New York: Harper Perennial.
- Hartman, A. 2008. "In Search of Subjugated Knowledge". *Journal of Feminist Family Therapy*. (11): 19-23.
- hooks, b. 1982. *Ain't I a Woman*. Sydney: Pluto Press.
- _____. 1998. "Selling Hot Pussy. Representations of Black Female Sexuality in the Cultural Marketplace". In *The Politics of Women's Bodies*. Ed. Weitz, R. New York: Oxford University Press, 112-122.

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

- _____. 2000. *Feminist Theory. From Margin to Center*. Berkley: Pluto Press.
- _____. 2003. "Feminism: A Movement to End Sexist Oppression". In *Feminist Theory Reader. Local and Global Perspectives*. Eds. McCann C. e Seung-Kyung, K.. New York: Routledge, 50-56.
- James, S. 1993. "Mothering. A Possible Black Feminist Link to Social Transformation". In *Theorizing Black Feminisms*. Eds. James, S. e Busia A.. London: Routledge, 44-54.
- James, S. e Busia, A., eds. 1993. *Theorizing Black Feminisms*. London: Routledge.
- Joseph, G. e Lewis, J. 1981. *Common Differences. Conflicts in Black & White Feminist Perspective*. Boston: South End Press.
- Kramarae, C. 1993. "The Condition of Patriarchy". In *The Knowledge Explosion*. Eds. Kramarae, C. e Spender, D.. New York: Harvester Wheatsheaf, 397-405.
- Lorde, A. (1984a) 2007a. "An Open Letter to Mary Daly". In *Sister Outsider*. Lorde, A.. Berkley: Crossing Press, 66-71.
- _____. (1984b) 2007b. "The Master's Tools Will Never Dismantle the Master's House". In *Sister Outsider*. Lorde, A.. Berkley: Crossing Press, 110-113.
- _____. (1984c) 2007c. "Transformations of Silence". In *Sister Outsider*. Lorde, A. Berkley: Crossing Press, 40-44.
- Lugones, M. e Rosezelle, P. 2003. "Sisterhood and Friendship as Feminist Models". In *Feminism and Community*. Eds. Weiss, P. e Friedman, M.. Philadelphia: Temple University Press, 135-145.
- Mama, A. 1995. *Beyond the Masks. Race, Gender and Subjectivity*. London: Routledge.
- Moraga, C. e Anzaldúa, G. 1981. *This Bridge Called My Back*. London: Persephone Pr.
- Morgan, R. 1970. *Sisterhood is Powerful*. New York: Random House.
- Narvaz, M. e Koller, S. 2006. "Famílias e Patriarcado: Da prescrição normativa à subversão criativa". *Psicologia e Sociedade*. 18(1): 49-55.

Um olhar sobre o conceito de irmandade: mulheres afro-americanas e a crítica do feminismo anglo-americano.

Sheftall-Guy, B., ed. 1995. *Words of Fire: An Anthology of African American Thought*. New York: The New Press.

Steady, C. 1993. "Women and Collective Action: Female Models in Transition". In *Theorizing Black Feminisms*. Eds. James, S. e Busia A.. London: Routledge, 90-101.

The Combahee River Collective. 1974. "A Black Feminist Statement". In *Feminist Theory Reader. Local and Global Perspectives*. Eds. McCann C. e Seung-Kyung, K., New York: Routledge: New York, 164-171.

Thompson, B. 2002. "Multiracial Feminism: Recasting the Chronology of Second Wave Feminism". *Feminist Studies* 28 (2): 336-360.